



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**ALIANNA BATISTA DA SILVA**

**TRAJETOS DE VIDA, PERCURSOS DA MEMÓRIA: HISTÓRIA  
DE PROFESSORAS**

**CAMPINA GRANDE – PB  
MAIO DE 2016**

**ALIANNA BATISTA DA SILVA**

**TRAJETOS DE VIDA, PERCURSOS DA MEMÓRIA: HISTÓRIA DE  
PROFESSORAS**

Monografia apresentada ao  
Departamento de História da  
Universidade Estadual da Paraíba,  
em cumprimento à exigência para  
obtenção do grau de licenciada em  
História.

**Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Patrícia Cristina de Aragão Araújo**

**CAMPINA GRANDE – PB**

**MAIO DE 2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586t Silva, Alianna Batista da  
Trajetos de vida, percursos da memória [manuscrito] : história de professoras / Alianna Batista da Silva. - 2016.  
55 p. : il. color.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.  
"Orientação: Profa. Dra. Patrícia Cristina de Aragão Araújo, Departamento de História".

1. Docência. 2. Memória. 3. Mulher. 4. Representatividade.  
I. Título.

21. ed. CDD 907.2

ALIANNA BATISTA DA SILVA

TRAJETOS DE VIDA, PERCURSOS DA MEMÓRIA: HISTÓRIA DE  
PROFESSORAS

Monografia apresentada ao  
Departamento de História da  
Universidade Estadual da Paraíba,  
em cumprimento à exigência para  
obtenção do grau de licenciada em  
História.

Aprovada em: 10/05/2016.

Nota: 9,0 (nove).

BANCA EXAMINADORA

*Patrícia Cristina de Aragão Araújo*

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> PATRÍCIA CRISTINA DE ARAGÃO ARAÚJO – DH/UEPB  
ORIENTADORA

*Maria do Socorro Cipriano*

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> MARIA DO SOCORRO CIPRIANO – DH/UEPB  
EXAMINADORA

*Wanderleia Farias Santos*

Prof.<sup>a</sup> Ms.<sup>a</sup> WANDERLEIA FARIAS SANTOS – DE/UEPB  
EXAMINADORA

CAMPINA GRANDE – PB

MAIO DE 2016

*Para todas as professoras que são apaixonadas pelo lugar que ocupam e pela sua trajetória docente.*

**DEDICO**

## AGRADECIMENTOS

Nos movimentos e percursos de minha trajetória de vida, sou imensamente grata pela existência de um Ser Supremo que, de modo direto, cobre-me com toda a sorte de bênçãos. Gostaria de agradecer a ELE por até aqui ter chegado desta caminhada contínua.

Gostaria de agradecer a minha mãe, Maria da Paz, e aos meus irmãos, pelo apoio e pelo carinho de modo direto e indireto, pois eles são minha base.

Aos professores que, ao longo de quase cinco anos de curso, proporcionaram-me o maravilhoso prazer de aprender e compartilhar princípios ideológicos, afetivos, intelectuais, pessoais, contribuindo para meu crescimento e amadurecimento acadêmico, profissional e pessoal. Vocês são inesquecíveis!

Não poderia deixar de agradecer de forma especial à amiga de todos os bons e maus momentos, sejam eles acadêmicos ou pessoais: Jéssica Salvino. Que este seja o princípio de muitas correrias e afazeres, e que futuramente possamos nos sentir realizadas.

Ao amigo Alexssandro Sabino, a quem tive a oportunidade de conhecer nos últimos semestres deste curso, e que me roubou muitas risadas, salvando-me dos dias chatos e corridos.

Sou grata à professora Patrícia Cristina pelo carinho e atenção durante os momentos de orientação, e principalmente pelos incentivos aos meus sonhos e planos acadêmicos.

Às professoras Maria da Guia e Graças Almeida, por trazerem ricas contribuições para a realização deste trabalho ao participarem da entrevista na qual se dispuseram a narrar suas vivências docentes de modo simples e apaixonante.

Meus sinceros e carinhosos agradecimentos a todos vocês!

*“O passado apresenta- se como vidro  
estilhaçado de um vitral antes composto por  
cores e partes”.*

(DELGADO, 2003, p. 13)

## RESUMO

Este trabalho se detém ao estudo da temática que envolve a história de vida de mulheres docentes dos anos de 1990 de Campina Grande, com o principal objetivo de compreender, a partir do diálogo entre História e Educação, a trajetória de vida de professoras campinenses através de suas memórias e representações do cotidiano escolar. Propomos articular as discussões entre gênero e docência na História da Educação através do trabalho com memória, prática docente e vida de professoras, uma vez que as experiências vividas reconstróem o passado ao tecer suas representações no presente. Discutimos sobre a história de vida de professoras campinenses a partir do campo da História Cultural, cujos conceitos trabalhados foram memória, representações, práticas culturais, identidade, gênero e educação, tendo como auxílio as principais contribuições teóricas de Chatier citado por Barros (2005), Certeau (2008), Hall (2006), Nora (1993), Foucault (2012) e Pedro (2005). A metodologia abordada foi a história oral temática, utilizando a trajetória destas docentes no contexto educacional. Para tanto, realizamos entrevistas semiestruturadas com duas professoras da disciplina de História do ensino básico da rede pública da cidade de Campina Grande, valorizando a importância destas discussões no campo da historiografia ao perceber, compreender e interpretar os sentidos que cercam as invenções culturais e sociais, em suas transformações, rupturas e continuidades no contexto histórico na percepção das subjetividades das mulheres docentes. Portanto, a perspectiva de relatos de vida de mulheres e sua relação com a docência proporcionam reflexões em torno de estudos e análises direcionadas para diversas formas de conhecimento na dinâmica da História.

**Palavras-chave:** Docência. Memória. Mulheres. Representatividades.

## ABSTRACT

This monograph aims to study 1990s female teachers' life story from Campina Grande (Paraíba, Brazil). The main objective is to understand their life story through their everyday school life memories and representations. In order to do so, we will investigate the dialogue between history and education. We propose joint discussions between gender and teaching in History of Education through working with memory, practice teaching and teachers' lives, since experiences reconstruct past to weave those women's representations. We discuss their life story from Cultural History field. The concepts used were memory, representations, cultural practices, identity, gender and education, with the aid of main theoretical contributions of Chatier *apud* Barros (2005), Certeau (2008), Hall (2006), Nora (1993), Foucault (2012) and Pedro (2005). Methodology was thematic oral history through those teachers' trajectory in educational context. Therefore, we conducted semi-structured interviews with two public elementary school History teachers from Campina Grande. It was highlighted these discussions historiographic relevance to perceive, understand and interpret meanings surrounding cultural and social inventions, such as its transformations, ruptures and continuities in historical context, as well as in female teachers' subjectivities perception. Therefore, women's life stories perspective and their relationship to teaching provide reflections on studies and analyzes various knowledge ways in History dynamics.

**Keywords:** Teaching. Memory. Women. Representations.

## LISTA DE FIGURAS

<b>FIGURA 01</b>	Foto do antigo prédio onde funcionava o Grupo Escolar Sólton de Lucena .....	<b>38</b>
<b>FIGURA 02</b>	Professora Maria da Guia Vieira de Torquato, em sala de aula, na Escola Estadual Sólton de Lucena .....	<b>42</b>
<b>FIGURA 03</b>	Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Sólton de Lucena .....	<b>42</b>
<b>FIGURA 04</b>	Professora Maria das Graças Batista de Almeida, em sala de aula, na Escola Estadual Raul Córdula .....	<b>43</b>
<b>FIGURA 05</b>	Professora Maria da Guia Vieira Torquato entre alunos em aula de campo .....	<b>44</b>
<b>FIGURA 06</b>	Professora Maria das Graças Batista de Almeida entre alunos em aula de campo .....	<b>44</b>
<b>FIGURA 07</b>	Professora Maria da Guia Vieira de Torquato entre alunos, aula de campo .....	<b>46</b>
<b>FIGURA 08</b>	Professora Maria das Graças Batista de Almeida entre alunos .....	<b>47</b>
<b>FIGURA 09</b>	Professora Maria da Guia ao lado de uma de suas primeiras professoras .....	<b>48</b>

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>12</b>
.....	
<b>CAPÍTULO I</b>	
<b>ENREDOS DE PERCURSOS HISTORIOGRÁFICOS: MULHERES NA DOCÊNCIA</b>	<b>16</b>
.....	
1.1 <b>Memória e identidade de professoras no contexto da História Cultural</b>	<b>16</b>
1.2 <b>Mulher em evidência: Cotidiano e representações</b>	<b>22</b>
<b>CAPÍTULO II</b>	
<b>TESSITURAS DE DESTINOS: MEMÓRIA E HISTÓRIAS DE VIDA DE PROFESSORAS CAMPINENSES DOS ANOS 1990</b>	<b>28</b>
.....	
2.1 <b>“Desde criança que eu pegava minhas bonecas, colocava e tome aula, tome aula, tome aula, aí eu dizia assim: eu vou ser professora”</b>	<b>29</b>
.....	
2.2 <b>“Eu queria estar na escola, queria estar ali”:</b> A arte de narrar vivências educativas	<b>34</b>
<b>CONSIDERAÇÕES</b>	<b>49</b>
<b>FINAIS</b>	
.....	
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>51</b>
.....	
<b>APÊNDICES</b>	<b>53</b>
<b>APÊNDICE A:</b> Questionário para entrevista	<b>54</b>
.....	

## INTRODUÇÃO

Durante muito tempo na escrita historiográfica, a História das Mulheres era pouco percebida. Com as novas possibilidades que foram surgindo para o campo da História, os historiadores foram olhando nas brechas dos acontecimentos as plurais tessituras de se fazer História, dando importância a temas diversos, entre eles a História das Mulheres. Várias perspectivas puderam ser abrangidas. Dentre elas, a temática de mulheres na docência, a partir da qual temos a possibilidade de analisar, através de narrativas de memória, a construção das histórias de experiências de vida docente.

O trabalho com a memória de professoras para compreender sua história de vida traz contribuições para estudos e pesquisas que articulem História e Educação, no contexto da História da Educação brasileira, a partir da realidade de Campina Grande-PB. Além deste aspecto, este tipo de pesquisa confere importância e visibilidade à participação de mulheres no espaço da sala de aula. É válido enfatizar que as perspectivas de abordagem são e podem ser múltiplas ao observarmos as necessidades de olhar para os direcionamentos que envolvem gênero, mulheres, história, memória, educação e sala de aula.

Desse modo, nossa proposta se baseia em articular as discussões entre gênero e docência na História da Educação através do trabalho com memória, prática docente e vida de professoras, uma vez que as experiências vividas reconstróem o passado ao tecer suas representações no presente.

Temos como objetivo geral compreender, a partir do diálogo entre História e Educação, a trajetória de vida de professoras campinenses através de suas memórias e representações do cotidiano escolar. Como objetivos específicos, apresentamos as seguintes perspectivas: discutir sobre a memória de história de vida de professoras e a importância destas para a História da Educação campinense, como também analisar as representações construídas pelas professoras campinenses do cotidiano escolar e de suas vivências pedagógicas, articulando os discursos entre gênero e docência da História da Educação a partir do trabalho com a memória e as práticas de docência e vida de professoras.

De que modo as professoras campinenses representavam o cotidiano escolar na sua prática docente a partir de suas narrativas de histórias de vida?

“Em cada movimento da história entrecruzam-se tempos múltiplos” (DELGADO, 2003, p. 12). Com isso, o recorte temporal do qual nos apropriamos se volta para os anos 1990, observando a necessidade de exploração das lacunas destes anos na área de História. Foi nos anos 1990 que ocorreram reformas na educação, em seus vários níveis e modalidades de ensino. Era um momento marcado pelo pós-Ditadura Militar e a inserção do governo neoliberal, reforçando a continuidade da preocupação com uma educação básica que formasse jovens para a inserção no mercado de trabalho, abrindo as portas para a intensificação da atuação feminina.

Justificamos a escolha da temática abordada por este trabalho por meio da busca no entrecruzamento das narrativas, ao contar histórias de vida docente através das memórias de um tempo em que as vivências docentes foram construindo espaços de sentidos.

A sala de aula não é apenas um lugar de ensino e aprendizagem para alunos, mas é também um lugar em que as professoras vão vivenciar momentos de sensibilidades múltiplas, partícipes de saberes e aprendizagens que surgem por outro viés. É o conhecimento produzido pelos signos e significados que o contexto da sala de aula tem a revelar na relação docente e aluno, docente e docência, docente e história de vida.

A motivação na escolha desta temática tem como objeto de identificação os significados atribuídos pela docência atribuí em minha trajetória como professora. Quando criança, brincar de ser professora era querer ser igual às minhas primeiras professoras do jardim de infância, as conhecidas “tias”, que indiretamente me influenciaram no caminho que hoje tenho o prazer de trilhar.

As histórias de vida docente contribuem de forma direta para a História da Educação quando se analisam as mudanças e transformações que foram acontecendo com os profissionais da educação, nas suas práticas e no modo como a docência se fazia e se faz percebida por seu próprio olhar docente. É a História da Educação que vai ampliando suas perspectivas de perceber seus agentes, práticas e representatividades.

Para a escrita que se segue, o estudo é trabalhado por meio do viés do campo historiográfico da História Cultural, que vem possibilitando para o

trabalho do historiador abordagens de múltiplos entrecruzamentos. Por meio disto, temos as contribuições dos conceitos de memória, identidade, espaço, práticas, cotidiano e representações, como também dos principais autores, tais como Hall (2000), Certeau (2008), Chartier citado por Barros (2005), Nora (1993), Scott (1990), Louro (2010), entre outros, para que se possa tecer as biografias de professoras através do enredo de segmentos que se conectam direta e indiretamente com as discussões de gênero e História da Educação.

Temos o entendimento de que a “história oral é uma metodologia que permite a produção de narrativas como fontes do conhecimento, mas principalmente do saber” (DELGADO, 2003, p. 23), ao utilizá-la como registro de experiências caracterizadas pela arte de contar. Destarte, dispomo-nos, diante dos labirintos biográficos, a pensar de que modo a representação se faz construída através das práticas narradas dos relatos de vida.

A importância da História Oral para a pesquisa histórica está na experiência do passado de determinado sujeito que é contada. É a combinação entre a experiência vivida e o que foi concebido para que o historiador compreenda os encontros e reencontros, continuidades e discontinuidades daquilo que já não volta mais. “É da experiência de um sujeito que se trata; sua narrativa acaba colorindo o passado com um valor que nos é caro; aquele que faz do homem um indivíduo único e singular em nossa história” (ALBERTI, 2004, p. 14).

Por meio disto, a metodologia utilizada foi escolhida através da história oral em interface com os estudos biográficos, os quais têm a participação de entrevistas que narram a história de vivências e experiências docentes, disponibilizadas por duas professoras do ensino básico da rede pública de Campina Grande, que se encontram no final da carreira.

“Longe de ser um documento neutro, a fotografia cria novas formas de documentar a vida em sociedade” (BORGES, 2005, p. 69). Assim, apropriamo-nos de algumas fotografias oriundas dos arquivos pessoais das docentes entrevistadas, as quais foram gentilmente cedidas por elas. Como fonte histórica, tais registros contribuem objetivamente com o envolvimento dos acontecimentos, erigindo a representação real e simbólica de determinado momento, levando a conhecer as sensações e pressupostos que marcam

determinada imagem através de seus personagens. As fotografias se entrelaçam com as narrativas, privilegiando ambas na pesquisa histórica.

Os sujeitos participantes desta pesquisa e que contribuíram com as entrevistas foram as professoras Maria da Guia Vieira de Torquato, que possui 25 anos de profissão docente, trabalha na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Sólton de Lucena, e Maria das Graças Batista de Almeida, que com 35 anos de docência atua na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Raul Córdula. Ambas lecionam a disciplina de História e se dispuseram a colaborar de forma enriquecedora com a proposta do trabalho sugerido, de modo que foram escolhidas por integrarem a equipe de professoras que orientam alunos nos primeiros anos de estágios supervisionados nas escolas.

Ressaltamos que, no decorrer deste trabalho, sempre que nos referirmos às professoras entrevistadas, citaremos seus nomes populares conhecidos entre colegas professores e alunos: professora Maria da Guia e professora Graças Almeida. Estas, através de suas memórias, buscaram enfatizar a infância e adolescência quando alunas, nas escolas onde tiveram a oportunidade de estudar, assim como as festividades que eram realizadas e das quais participavam, a escolha da profissão, os acontecimentos e fatos registrados em suas memórias durante os anos de atuação docente.

As narrativas possuem a potencialidade de fazer seus espectadores viajarem no tempo, pois estamos conhecendo os lugares da memória em que o tempo nos agracia ao nos permitirmos ouvir. Desejo que as palavras destes enredos de vidas de mulheres docentes tragam uma boa leitura!

O trabalho está organizado em dois capítulos. No primeiro, intitulado *Enredos de percursos historiográficos: Mulheres na docência*, caminhamos na direção de conceitos e categorias no campo da historiografia relevantes para se pensar a história de vida de mulheres na docência.

No capítulo seguinte, *Tessituras de destinos: Memória de história de vida de professoras campinenses dos anos 1990*, nós nos voltamos às narrativas proporcionadas através das vivências e experiências tecidas pelas professoras entrevistadas em suas histórias de vida.

# CAPÍTULO I

## ENREDOS DE PERCURSOS HISTORIOGRÁFICOS: MULHERES NA DOCÊNCIA

*“O saber não ocupa lugar”.*

(Ivete Barreto)

### 1.1 Memória e identidade de professoras no contexto da História Cultural

A historiografia contemporânea vem possibilitando nas últimas décadas no campo da História um espaço rico de multiplicidades. Por volta de meados do século XX, foram se fixando diversas modalidades historiográficas importantes para que o historiador ampliasse sua perspectiva investigativa.

Com as novas abordagens e metodologias de se trabalhar modalidades historiográficas como a História Social, a História Demográfica, a História da Sexualidade, a História Cultural e tantas outras, a escrita historiográfica moderna passou a se caracterizar pelas particularidades e fragmentação de suas especificidades.

Na medida em que as modalidades foram se redefinindo e cada vez mais se particularizando em suas dimensões e domínios, a historiografia se tornou um campo cada vez mais dividido em suas abordagens e classificações. Porém, não se limita ao seu objeto de estudo.

Ao ver a necessidade de se deixar atravessar por outros segmentos, o campo da História foi se apropriando de uma riqueza de possibilidades minuciosas, em que cada modalidade, ao se restringir em sua temática, mantém uma inter-relação com outras abordagens teóricas presentes no saber historiográfico. São momentos em que o movimento de interdisciplinaridade surge como consequência de uma busca maior de possibilidades dentro das instâncias de estudo.

Para a escrita que se segue, optamos por trabalhar pelo viés da História Cultural, pelo fato de esta área do conhecimento oferecer uma amplitude maior em seus objetos de estudo, partindo das representações a serem abordadas

por meio do cotidiano e das práticas exercidas pelos sujeitos sociais, buscando principalmente refletir sobre a contribuição que essa modalidade teórica pode oferecer aos estudos e perspectivas sobre as subjetividades que atuam no cotidiano, como também na formação das representações do ser professora enquanto referência de feminilidade no contexto da sala de aula.

A História Cultural é um campo historiográfico que trabalha com a ideia de cultura. Ou melhor, de “culturas”, quando pensada em múltiplas perspectivas, todas elas trabalhando o viés de uma linha de cultura rica em objetos que oferecem propriedades de “práticas” e “representações” a serem pesquisadas e direcionadas para vários estudos.

Com as redefinições atribuídas para a História Cultural por volta da segunda metade do século XX, tudo o que faz referência ao acontecer e ao fazer do cotidiano da vida do sujeito enquanto membro de uma dada sociedade é entendido como mecanismo de produção cultural. Nenhum fato é tido como negligenciável, mas questionável para se entender as dimensões culturais determinadas às sociedades.

Tanto na cultura oral como na cultura escrita, buscar investigar as normas culturais através dos acontecimentos do cotidiano é uma maneira de se entender as transformações das práticas e “representações culturais” que foram acontecendo com a sociedade no decorrer do tempo.

Mas nem sempre foi assim. A História Cultural produzida no século XIX obedecia a estruturas de uma historiografia mais elitizada e seus antigos objetos de pesquisa se limitavam entre os estudos de áreas como as Artes, a Literatura e a Ciência. Desse modo, negligenciavam a percepção dos fatos predominantes nos modos de pensar, sentir e agir dos sujeitos. Segundo Barros (2005, p. 128):

Ao ignorar a inevitável complexidade da noção básica que a fundamentava, a História Cultural tal como era praticada nos tempos antigos era uma história elitizada, tanto nos sujeitos como nos objetos estudados.

Se comparada a um trabalho industrial, a História Cultural é um processo fabril em que diariamente os sujeitos engendram seus objetos de produção de práticas culturais. Para tanto, obedecem a processos e padrões através dos quais forjam as múltiplas formas de se pensar e sentir, os

costumes e os modos de convivência. Em números indefinidos, esses objetos culturais são simplesmente a realidade social desses sujeitos, a ser decifrada através das subjetividades presentes no cotidiano.

Ao demonstrar conceitos relacionados às “práticas” e “representações” de determinado grupo social, dois historiadores franceses se tornaram representantes da História Cultural: Michel de Certeau e Roger Chartier. Suas contribuições foram importantes para o campo da História Cultural através do modo de permitir o alcance de uma nova concepção no direcionamento do olhar que o historiador deve estabelecer para analisar e interpretar a perspectiva de cultura.

Portanto, acerca dos usos e costumes que atuam na formação contínua do cotidiano, a partir de Certeau, podemos perceber que o cotidiano oferece perspectivas de decifrar as possibilidades de produção dos modos de fazer dos costumes e dos modos de convivência em meio à formação da realidade social de cada indivíduo.

Em Chartier, citado por Barros (2005), temos a possibilidade de pensar uma dada sociedade e interpretá-la pelo seu viés cultural atravessada pela noção de “poder”. Para tanto, é preciso analisar como as “representações” nos contextos individual e coletivo colaboram para a compreensão dos deslocamentos entre os modos de pensar e sentir diante das práticas culturais desenvolvidas em determinadas situações atuantes em momentos comuns do cotidiano. Logo:

As noções complementares de “práticas” e “representações” são bastante úteis, porque através delas podemos examinar tanto os objetos culturais produzidos como os sujeitos produtores e receptores de cultura, os processos que envolvem a produção e difusão cultural, os sistemas que dão suporte a estes processos e sujeitos, e por fim as normas a que se conformam as sociedades quando produzem cultura, inclusive mediante a consolidação de seus costumes (BARROS, 2005, p. 135).

Com base nas proposições de Barros (2005), mesmo trazendo ricas contribuições para este campo da historiografia, os conceitos de “práticas” e “representações” não são considerados conceitos propriamente ditos. Antes, são noções ainda em processo de elaboração. Posteriormente, elas podem vir

a se tornar conceitos, mas, nesse momento, as duas noções são consideradas “quase- conceitos”. Para o autor:

Muitas vezes as noções resultam de uma descoberta progressiva, de experiências, de investimentos criativos de um ou mais autores que podem ou não ser incorporados mais regularmente pela comunidade científica (BARROS, 2005, p.135).

Entretanto, no campo da História Cultural, passamos a ter um leque de possibilidades para conceber os possíveis elementos que forjam o fazer das práticas culturais cotidianas. Ao observarmos as práticas e representações culturais que muitas vezes passam a caracterizar determinada sociedade, percebermos que, em alguns aspectos, podemos encontrar alguma profunda relação com os conceitos de memória e/ou identidade. A memória, em alguns escritos, é relacionada a um “oceano de águas profundas” que, para ser investigado, é preciso dar um profundo mergulho, sem receio do que se encontrará adiante:

Para nós, historiadores, coloca-se a necessidade de um mergulho nas profundezas insondáveis das águas do imenso oceano da memória, alias, e seus mares: o da lembrança e o do esquecimento. Pois, se a memória é composta por mecanismos de depósito, armazenamento, retenção, também o é mecanismo de seleção e descarte. Trata-se de um oceano de águas sempre agitadas, sempre vivas (GONÇALVES, 1999, p.13).

O conceito de memória é de fundamental importância no campo historiográfico, pois, nesta pesquisa, ele nos permitirá perceber a história de vida de mulheres professoras e suas trajetórias no campo educacional. Ao buscar conferir voz ao passado que, em determinado momento, foi preservado em algum mecanismo de depósito que compõe a memória, cabe ao ofício do historiador dar movimento a essas vozes que estão silenciadas na memória, quer seja no esquecimento ou nas lembranças.

A maioria das sociedades guardam registros que fixam os “lugares de memória” no resgate da história. São estruturas simbólicas cuja preocupação é trazer lembranças de determinado momento de importância para aquela cultura, podendo ser elementos sólidos e fixos como estátuas, acervos,

museus, galerias, datas, entre outros. Mas, o interessante que podemos observar é que a memória vai além do que ao menos podemos imaginar.

Os lastros que constituem a memória do ser humano fazem-no reviver momentos e situações que nem ele é capaz de decifrar. Logo, podemos concluir que, como um novelo de lã com o qual podemos começar um simples tricô, entre um ponto e outro, sempre é possível acrescentar mais um ponto e esse fio vai rendendo e rendendo. Quando julgamos ter chegado ao fim do novelo, podemos sempre ao fim de um ponto recomeçar outro, através de um novo novelo.

Podemos dizer que, assim como um novelo de lã, a memória de vida de professoras guarda dimensões de ricas recordações sobre suas vivências escolares, as quais abrangem, dentre outros aspectos, as maneiras como estabelecer conexão entre sua vida dentro e fora dos espaços da escola.

No entanto, no decorrer das linhas que se seguirão, entenderemos, por meio das narrativas dessas mulheres, como as lembranças de seu cotidiano escolar são marcadas e atravessadas por dimensões de acontecimentos que interligam docência e família. Tais acontecimentos fazem parte da memória individual e coletiva desses sujeitos e constituem suas identidades.

Por meio disto, podemos analisar como as memórias de determinado grupo social vêm a determinar a construção de identificação dentro do processo de perceber as identidades instituídas, constituídas particularmente por se conectarem através dos fatores de lembranças e recordações atuantes nos reservatórios da memória.

É também na preservação do passado que podemos encontrar um lugar de construção da identidade, pois podemos compreender que a identidade de um determinado grupo social é formada por meio dos registros históricos que marcaram a memória. Ao se sentir pertencente a algum grupo social, o sujeito busca seu lugar, onde suas práticas culturais estão refletidas. É interessante pensarmos como a memória atribui sentidos, dando movimento à construção da identidade ao sujeito.

No decorrer dos vários escritos em torno do conceito de identidade, muitas foram as construções discursivas. Entretanto ao fazer uma análise sobre a forma como o conceito de identidade vem sendo abordado por

algumas concepções teóricas, a exemplo das elaboradas por Stuart Hall, constatamos que

A identidade é um desses conceitos que operam “sob-rasura”, no intervalo entre inversão e a emergência: uma ideia que não pode ser pensada da forma antiga, mas sem a qual certas questões-chaves não podem ser pensadas (HALL, 2000, p. 104).

A identidade e a memória no contexto da perspectiva das mulheres professoras de Campina Grande são evidenciadas como elementos essenciais para elucidar como se deu o processo de formação das subjetividades que acompanham as práticas desenvolvidas por elas no cotidiano, além das formas de representação alcançadas na construção da vida cotidiana que partem dessas mulheres.

Apesar de ainda sujeito a discussões, o conceito de identidade enfatizado no processo de subjetivação se dá através da “identificação” ao ser “construída a partir do reconhecimento de alguma origem comum” (HALL, 200, p.109), seja nas características ou ideais que opera dentro de um discurso de diferença. Assim, determinado grupo social difere ou não de outro por causa de um objetivo em comum, de uma identidade em comum dentro do processo de identificação, de ver no outro alguma semelhança, de poder compartilhar algo em comum. De comum acordo, para Hall (2000, p. 109):

É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. Além disso, elas emergem no interior de um jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais o produto da diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade idêntica, naturalmente constituída, de uma “identidade” em seu lugar tradicional, [...] sem diferenciação interna.

O sujeito, então, é convidado a ocupar o seu lugar por meio do reconhecimento de si próprio. O processo de formação do sujeito social tem por base a perspectiva de produzir as subjetividades no indivíduo através da produção do eu. O processo de “identificação” encaminhará o sujeito para uma

autossensação de pertencimento e, conseqüentemente, os sujeitos passam a ocupar seus lugares.

## 1.2 Mulher em evidência: Cotidiano e representações

O campo da História paulatinamente possibilitou em suas análises tendências que estavam à margem da historiografia. Entre elas, a História das Mulheres, que, por ser apontada como uma “história militante”<sup>1</sup>, passou por várias resistências, gerando desconfiança quanto à sua devida importância para discussões nos estudos que envolvem feminismo, relações de gênero e movimento de mulheres. Entretanto, dentro das categorias de análise no campo historiográfico, historiadores e historiadoras estão dando oportunidade para que esses estudos se desenvolvam e se percebam dentro dos domínios de estudo do campo da História.

As novas tendências emergentes na historiografia possibilitaram renovação metodológica e conceitual, levando ao questionamento das universalidades, permitindo a descoberta de outras experiências, entre elas as das mulheres, [...] restituindo a elas a sua própria história (MATOS, 2013, p. 06).

A história das mulheres aos poucos foi se ajustando aos debates de análise sobre o conceito de gênero, que faziam referência à diferença sexual, e também aos espaços de visibilidade das mulheres na sociedade, pois elas se viam insatisfeitas com seus restritos lugares de atuação e por serem percebidas pela “fragilidade feminina”. Enfatiza-se que:

Era justamente pelo fato de que as palavras na maioria das línguas têm gênero, mas não tem sexo, que os movimentos feministas e de mulheres nos anos oitenta passaram a usar a palavra “gênero” no lugar de “sexo”. Buscavam, desta forma, reforçar a ideia de que as diferenças que se constatavam nos comportamentos de homens e mulheres não eram dependentes do “sexo” como questão biológica,

---

<sup>1</sup> As histórias que emergem de movimentos sociais no campo historiográfico passam pelo processo de resistência por parte de alguns historiadores nos estudos de categorias que não possuem uma história de caráter “científico”, sendo acusadas de “história militante”. Como exemplo, temos a história que parte do Movimento Feminista, Movimento LGBT, Movimento de Trabalhadores e Sindicatos, Movimento dos Sem-Terra, entre outros.

mas sim eram definidas pelo “gênero” e, portanto, ligadas à cultura (PEDRO, 2005, p. 78).

Algumas mulheres buscaram ter voz e dar voz aos seus ideais e princípios com base em ideologias que buscavam discutir o sentido das identidades de gênero. Isto demonstra que os espaços de atuação entre homens e mulheres podem ser e são múltiplos. Ademais, era preciso reconstruir as atenções que estavam sendo direcionadas para estes gêneros, com base em outra perspectiva para o lugar da mulher na sociedade, de modo que não fosse aquela predominante até então, em que o masculino era hierárquico e dominante.

Ao se organizarem em movimentos de lutas e ideologias políticas e sociais, as mulheres foram em busca de espaços de representatividade na sociedade. Engajaram-se em movimentos que, além de reuni-las, também mantinham a participação de grupos feministas para discutir assuntos que faziam referência à identidade de gênero, à desconstrução da subjetividade masculina como sujeito universal e à necessidade de se pensar questões específicas relacionadas à mulher. Nesse panorama:

[...] É muito comum na nossa fala ou na escrita, quando nos referimos a um grupo de pessoas, mesmo sendo em sua maioria mulheres, mas tendo apenas um homem, usamos o termo plural no masculino. O que as pessoas dos movimentos feministas estavam questionando era justamente que o universal, em nossa sociedade, é masculino, e que elas não se sentiam incluídas quando eram nomeadas pelo masculino (PEDRO, 2005, p. 80).

Em diferentes etapas, foram propostos para muitas mulheres ideais de conquista e de autoconfiança, com a visão do desejo de serem percebidas a partir de outra perspectiva. Passaram a desenvolver ideias que rompiam com os preceitos do conceito de sujeito universal, fazendo-se perceber que existem sujeitos, e cada qual possui diferentes identidades. Para as mulheres, esse foi o momento de perceber que as construções dos discursos culturais poderiam ser engendradas de outras formas. Elas passaram a constatar que os sentidos das subjetividades precisavam ser vistos mediante outras representações. Por meio disto, “as feministas começaram a utilizar a palavra ‘gênero’ mais

seriamente, no sentido mais literal, como uma maneira de referir-se à organização social da relação entre os sexos” (SCOTT, 1990, p. 02).

E interessante perceber como a categoria gênero nas relações de organização social propôs formas de desconstrução na percepção histórica da participação de mulheres e homens nos espaços sociais que compreendem lugares restritos aos determinados sujeitos, propondo que ambos entendam sua identidade comum partindo para a intenção de ação política.

Desta feita, na historiografia, foi inevitável perceber a importância da história das mulheres, e principalmente de suas histórias de vida, partindo de reflexões que fazem referência às suas narrativas, aos seus diários, aos poucos lugares de vivência e convivência, às suas representações, identidades e memórias, para que, por meio disto, fosse possível elaborar ricas contribuições para a percepção de um novo olhar para elas, evidenciando as construções direcionados às mulheres no contexto histórico, como também a busca pela desconstrução, contribuindo para análises de conhecimento na historiografia contemporânea.

Entre os historiadores e historiadoras que passaram a seguir a tradição da historiografia dos Annales - que pretende ampliar o leque de fontes e observar a presença de pessoas comuns -, tornou-se mais fácil escrever uma história que incluísse as mulheres. [...] Assim, com os pés plantados no seu tempo a historiadora ou o historiador que se engaja nesta tradição não poderia ficar alheia aos movimentos sociais das mulheres em suas múltiplas configurações, nos múltiplos feminismos que, desde meados do século XIX, reivindicavam direitos e o fim das hierarquias baseadas no sexo. Dentro desta perspectiva, um novo estoque de fontes tornou-se possível para a escrita da história (PEDRO, 2005, p. 85).

Quando partimos para a análise de gênero na categoria histórica referente à História das Mulheres no contexto da sala de aula, podemos observar que a presença de fontes é riquíssima. Primeiramente, temos salas de aula com perfil de participação masculina e que gradativamente tiveram seus espaços preenchidos por mulheres, fazendo com que o magistério, antes masculino, se tornasse uma profissão de características femininas, principalmente no tocante à educação dos anos iniciais.

Há algumas décadas, a educação concedida às meninas na infância era de cunho moralizante, para construção de uma mulher que deveria cumprir

seus deveres para com o lar e as atividades domésticas, como esposa e mãe. Para os meninos, a educação se voltava para a instrução do conhecimento de informações que formassem homens inteligentes. A educação para as meninas, desde muito cedo, era justificada pela função social de educadora dos futuros filhos, uma educação materna, em que a formação cristã “[...] seria a chave principal de qualquer projeto educativo” (LOURO, 2010, p. 447). Para os meninos, primava a cultura de que o homem tinha de ser o provedor do lar, mediante concepções e formas de educação múltiplas para eles e para elas.

Sob diferentes concepções, um discurso ganhava hegemonia e parecia aplicar-se, de alguma forma, a muitos grupos sociais a afirmação de que as “mulheres deveriam ser mais educadas do que instruídas”, ou seja, para elas, a ênfase deveria recair sobre a formação moral, sobre a constituição do caráter; sendo suficiente, provavelmente doses pequenas ou doses menores de instrução (LOURO, 2010, p. 446).

Com base nessas concepções, a atividade docente foi iniciada por homens. As primeiras escolas normais contam com a participação inicialmente de professores e professoras, contendo em sua maioria homens. Entretanto, os homens aos poucos foram deixando o magistério e o número de mulheres professoras passou a ser cada vez maior. Assim, iniciava-se um momento que originava a “feminização do magistério”. Enquanto isso, os homens seguiam rumo a outras oportunidades profissionais que vinham surgindo no processo de urbanização e industrialização na sociedade.

“O processo não se dava, contudo, sem resistências ou críticas. A identificação da mulher com a atividade docente, que hoje parece a muitos tão natural, era alvo de discussões, disputas e polêmicas” (LOURO, 2010, p. 449). O espaço comum em que as mulheres conviviam eram a igreja e o lar. Ao ingressarem no magistério, seus atos eram de certa forma vigiados, pois elas tinham uma imagem e postura a zelar em sociedade.

Entre os vários discursos arquitetados neste processo histórico da atuação feminina no magistério, alguns despertavam a atenção por relacionar as mulheres como seres próprios para o desempenho do magistério, pois elas seriam “naturais educadoras” para cuidar das crianças pela sua docilidade, e a representação proporcionada pela profissão proporcionava uma “extensão da maternidade”. Nesse diapasão, a entrada da mulher no magistério ia cada vez

mais se intensificando, passando “[...] a ser associadas ao magistério características tidas como ‘tipicamente femininas’: paciência, minuciosidade, afetividade, doação” (LOURO, 201, p. 450).

Os espaços das salas de aula nas escolas normais ficaram repletos de jovens mulheres que, em sua formação docente, propunham-se à responsabilidade de construir e oferecer aos seus alunos saberes e valores. É de modo controlado e planejado que se forma o cotidiano das escolas, pois o método organizacional e as metodologias de ensino então vigentes nas instituições, em especial nas salas de aula, tinham como objetivo ocupar o tempo, concentrando proibições mediante as normas, doutrinas e símbolos de como essas mulheres poderiam se comportar em seu lugar docente.

No decorrer dos anos, a representação de cada professora foi se personificando. As escolas iam desempenhando seu papel, legitimando-se para oferecer às meninas um conhecimento que formasse mulheres modernas. Todavia, não deixaram de lado os ensinamentos de ligação com o lar e a maternidade.

A representação da mulher do magistério passou a ganhar várias facetas no contexto histórico. A professora, no decorrer dos anos, foi investida de outra imagem, de “mulher pouco graciosa” e/ou de “solteirona retraída” perante os discursos que buscavam representá-la em seus espaços de sociabilidade. Era a construção do discurso de representação que esporadicamente via a mulher como referência de críticas, questionamentos e resistências. Elas, por sua vez, ao se redefinirem e se reinventarem, foram a passos lentos dando sentido à construção do que era ser professora, resistindo através de táticas em suas realidades cotidianas acerca do controle do discurso dos sujeitos que falavam sobre elas.

As representações de professoras construídas em caráter histórico-social passaram por transformações, marcadas também por algumas continuidades. Contudo, incorporaram outras perspectivas para as mulheres professoras que, mediante as transformações de sua postura social e representatividade, faziam-se diferentes em suas práticas sociais.

O magistério primário não mais era um lugar de mulher. As mulheres professoras agora personificam outras subjetividades. Elas passam a se especializar em suas respectivas áreas de categorias de ensino (infantil,

fundamental, técnico, entre outras), conduzindo o profissionalismo a valorizar mais profusamente sua representação enquanto docentes. A categoria de professores e professoras passou a se sindicalizar. Desse modo, é outro sujeito social se constituindo, é outra representação de mulher professora, com outras performances e apresentações no espaço social.

Essa nova representatividade atribuiu no contexto histórico de mulheres professoras outros sentidos de perceber as marcas deixadas pelo passado. É possível provocar reflexões sobre as relações de gênero no espaço da sala de aula, para que, por meio disto, seja possível compreender a importância das histórias de vida de mulheres docentes. São histórias que, em sua grande maioria, estão atravessadas por múltiplas representações, doutrinas, práticas sociais, cujos principais argumentos eram construídos por discursos de poder e imposição de uma sociedade em que o ser visível era o masculino.

Assim, cabe ao ofício do historiador se inquietar em meio a tantos registros que se fazem presentes nas escolas, nas bibliotecas, nos arquivos, trabalhando estas fontes que narram histórias de vida, memórias marcadas por silêncios e resistências, por doutrinas de submissão, de modo que a história de mulheres docentes ganhe visibilidade e os silêncios sejam desvendados, construindo uma história às avessas em relação aos discursos e representações que, durante décadas, as submeteram. Propomos, pois, “buscar nas minúcias, de ler nas entrelinhas, de garimpar o metal precioso das fontes em meio ao abundante cascalho” (PEDRO, 2005, p. 85).

Dar visibilidade às histórias de vivência docente destas mulheres favorece a reflexão de como se deram as relações de gênero na sala de aula, compreendendo como os espaços sociais as percebiam e de que maneira suas práticas lhes faziam referência na condição de professoras, como guardiãs de memórias de salas de aula diversas, de trajetórias na educação e nas relações e formas de sociabilidade dessas docentes no espaço das escolas e na construção do conhecimento, enriquecendo o leque de possibilidades dos vários lugares em que as mulheres vivenciaram críticas, questionamentos, resistências e domínios de poder na História das Mulheres.

## CAPÍTULO II

### TESSITURAS DE DESTINOS: MEMÓRIA E HISTÓRIAS DE VIDA DE PROFESSORAS CAMPINENSES DOS ANOS 1990

*“E a vida vai tecendo laços  
Quase impossíveis de romper...”*

(Manuel Bandeira)

Nas últimas décadas do século XX, o país passou por algumas alterações demográficas, culturais e sociais que influenciaram positivamente o aumento do trabalho feminino, alterando também o crescimento de famílias chefiadas por mulheres. Bruschini (2007) afirma que:

No ensino superior, elas ampliaram significativamente sua presença na década analisada, superando os homens, a ponto de, no ano de 2005, a parcela feminina entre os formados ter atingido 62%, como revelam dados do Censo do Ensino Superior, realizado pelo Ministério da Educação. Contudo, as escolhas das mulheres continuam a recair preferencialmente sobre áreas do conhecimento tradicionalmente “femininas”, como educação (81% de mulheres) (BRUSCHINI, 2007, p. 547).

As brasileiras passam a ter cada vez mais acesso à educação e aos cursos superiores, marcando presença mais expressiva com relação ao número de homens, o que gera impacto sobre o maior número de ingressos das mulheres no mercado de trabalho, tendo como principal área de atuação a educação.

Neste capítulo, o objetivo é analisar as vivências escolares das professoras campinenses, tecidas por meio de suas histórias de vida construídas através de narrativas endossadas por memórias que contam suas sensações na infância e na adolescência no espaço da sala de aula, tendo em vista a década de 1990, os primeiros anos da profissão docente para as professoras entrevistadas, marcando tessituras de motivações e saberes, de momentos amados e temidos na experiência docente.

Em ocasião do encontro com narrativas autobiográficas, as atenções se tornam especiais para as falas que procuram palavras ao reviver lembranças

que gradativamente vão ganhando forma ao serem despertadas nos silêncios da memória. Quando se trata de narrativas de memória docente, é perceptível como cada trecho pertence a simples narrativas em que as emoções chegam antes das palavras. E assim, as simples expressões ganham movimento ao serem ditas e revividas. É como estar diante do passado que em cada cotidiano é renovado.

Enquanto protagonistas do cotidiano de salas de aula diversas, as professoras, por meio da fala de si, reconstroem-se através de lembranças de suas práticas docentes, que as autodefinem como personagens sociais de um tempo vivido. É o “eu” de cada história de vida que se investe de descrições de décadas de sabores e prazeres, dores e odores que foram trilhados nestes “[...] lugares onde a memória se cristaliza e se refugia e está ligada a este momento particular de nossa história” (NORA, 1993, p. 07), marcando a construção de experiências e atuações.

### **2.1 “Desde criança que eu pegava minhas bonecas, colocava e tome aula, tome aula, tome aula, aí eu dizia assim: eu vou ser professora”**

Frutos de um desejo em comum, a biografia de professoras é tecida através de relatos que vão ganhando efeitos ao vislumbrar o passado vivido, ao ver como se deu a construção de um caminho de mais de 25 nos de experiência docente, envoltos em uma história de vida de tramas social e emocional.

As ações e emoções de uma história de vida serem portadoras de uma identidade docente não é por acaso, pois:

O primeiro passo para sermos quem somos pertence à construção de uma identificação que é construída através do reconhecimento de alguma origem comum, ou mesmo através de características compartilhadas com outras pessoas (HALL, 2000, p. 106).

É através das lembranças dos tempos de infância que podemos olhar para a escola como principal símbolo de representatividade na função da construção da identidade das professoras entrevistadas. Quando começam a

tecer um perfil de profissional docente, testemunham as sensações e sentimentos que foram vivenciados em momentos passados.

As narrativas sobre memória e história docente são contadas através da participação de duas professoras de História do ensino básico, atuantes na rede pública campinense, que se dispuseram a narrar suas sensações e sentimentos trilhados nos espaços da sala de aula em que puderam trabalhar durante cerca de 25 anos. Atualmente, ambas caminham em direção ao momento profissional de aposento, mas as lembranças que as autodefinem como pessoas que são podem ser analisadas por meio de suas práticas docentes.

Maria da Guia Vieira de Torquato nasceu em 1961. Natural da cidade de Campina Grande, cursou licenciatura em Estudos Sociais na antiga Faculdade Regional do Nordeste (FURNE) e possui Especialização em História, passando a concluir seus estudos entre os anos de 1987 e 1989. Começou a ensinar na década de 1990. A primeira escola de atuação foi na cidade de Areia, na Escola Estadual Carlota Barreira, onde teve a oportunidade de trabalhar durante um ano letivo. Depois, passou a atuar na Escola Estadual Sólon de Lucena, na Cidade de Campina Grande, onde registra 24 anos de aulas letivas administradas.

“Eu queria estar na escola” (informação verbal<sup>2</sup>). Esta é a frase que lhe pertencia durante a infância nos anos de escola, e que marca com autenticidade a escolha da profissão. Segundo suas narrativas, a Professora Maria da Guia relembra, através de grande emoção em seus fragmentos de memória, que o fervor em estar presente na escola durante essa fase está relacionado à representação que tinha de suas professoras:

As professoras eram como mães. Beijavam, abraçavam, e uma, duas vezes por semana visitavam as crianças nas casas, interagiam com muita comunicação, era muito interessante, elas tinham uma dedicação tão grande que nos finais de semanas visitavam (informação verbal<sup>3</sup>).

É interessante perceber como a representação da professora acolhedora desperta a atenção das crianças em suas fases iniciais de escola. Com a

---

<sup>2</sup> Entrevista concedida por Maria da Guia Vieira Torquato à pesquisadora em 2016.

<sup>3</sup> Idem.

Professora Maria da Guia não foi diferente. O entusiasmo ao lembrar esse momento que viveu está fortemente marcado por um lugar comum, que é a sala de aula.

Durante a adolescência, a Professora Maria da Guia relata que já sentiu algumas modificações nas práticas educativas de seus professores, bem como na metodologia de ensino. Porém, nunca se deixou desestimular, pois a escolha da profissão já estava marcada pelas recordações da infância, através de suas brincadeiras de bonecas: “Desde criança que eu pegava minhas bonecas, colocava e tome aula, tome aula, tome aula, aí eu dizia assim: eu vou ser professora” (informação verbal<sup>4</sup>).

Por meio disto, podemos compreender que a estrutura afetiva em que os sujeitos se veem enredados proporciona algum modo de relação com a produção de conhecimento, pois, em determinadas fases da vida, o processo cognitivo-afetivo contribui para a produção do simbolismo na realidade social. Como menciona Bastos (2003, p. 168):

A ação de entender e de dar sentido ao mundo envolve, simultaneamente, processos cognitivo-afetivos. Significa que tanto o conhecimento quanto o sentimento estão presentes no processo de construção da significação simbólica, cuja base de produção é a realidade social.

Logo, é por meio das experiências profissionais que muitos saberes sociais são adquiridos com base na afetividade advinda do processo de construção simbólica. O sentimento se faz presente no método que desencadeia as representações englobadas pela docência em sua linha de conhecimento, o que pode ser justificado através das histórias de vida docente.

Filha de pai marchante, natural da cidade de João Pessoa, Maria das Graças Batista de Almeida nasceu em 1956 e fez graduação em Estudos Sociais. Em seguida, cursou especialização em Licenciatura Plena em História, na Faculdade Regional do Nordeste (FURNE) no ano de 1977. Sempre estudante da escola pública, teve uma trajetória estudantil marcada por fortes lembranças do modelo educacional de uma época em que o contexto histórico estava sendo marcado pela Ditadura Militar no Brasil.

---

<sup>4</sup> Entrevista concedida por Maria da Guia Vieira Torquato à pesquisadora em 2016.

Em suas lembranças iniciais, ao se recordar dos tempos de escola, a professora Graças Almeida busca enfatizar: “Eu só tenho boas recordações. As ruins foram os cassetetes, muitas surras mermo de policia; a Ditadura Militar estava no auge. Na minha sala de aula, ninguém podia perguntar nada porque era proibido” (informação verbal<sup>5</sup>).

Durante a infância, suas recordações destacam lembranças de aulas narrativas administradas por seus professores e das punições que eles cometiam. Ao se autoidentificar como “uma pessoa irreverente”, a Professora Graças comenta sobre as diversas vezes que enfrentou a palmatória por motivos diversos. Entre eles, não obter bom desempenho na disciplina de matemática, com tabuadas, e também nas datas comemorativas.

Podemos imaginar que as recordações em nossa memória ora se fazem presentes pelas maneiras repetitivas como aconteceram em nosso passado, ora são lembradas de acordo com as impulsões sentimentais das ações e sensações que vivenciamos diretamente.

Com a necessidade e o desejo de trabalhar na área da educação, a professora Graças Almeida relembra que começou a ensinar com 16 anos de idade nas escolas particulares da cidade de Campina Grande, com a intenção de fazer o diferencial em meio a vários desafios que enfrentou em sua história de vida enquanto aluna. Sua primeira escola de atuação foi na Escola 16 de Julho, onde teve a oportunidade de lecionar aulas de Inglês. Ao falar sobre o assunto, recorda a seguinte lembrança:

Eu, fazendo Estudos Sociais, aí Bernadete (Diretora da escola) precisava muito de mim. Aí disse: “Graças, é importante, mulher, eu estou precisando de uma professora para dar aula de Inglês”. “Mas eu faço Estudos Sociais. Arranja História para mim ou Geografia”. Aí, ela disse: “não, só tem vaga para inglês”. Então, eu comprei um livro, *Let's Have Fun*. Decorrei este livro todinho, passei a comprar livros e mais livros de Inglês e ensinei 10 anos Inglês (informação verbal<sup>6</sup>).

O seu objetivo em ser professora foi direcionado pelo desejo de exercer uma prática educativa que se diferenciava das práticas metodológicas que eram até então exercidas pelos seus professores. Buscou, então, produzir

---

<sup>5</sup> Entrevista concedida por Maria das Graças Batista de Almeida à pesquisadora em 2016.

<sup>6</sup> Idem.

conhecimento de modo satisfatório e prazeroso, para que jovens e adolescentes elaborassem a sua própria visão de mundo. Conforme argumenta:

Eu fui ser professora de História como um desafio, para nunca bater em aluno meu e fazê-lo gostar de História. Porque eu apanhei muito da minha professora do primário [...] pra mim, foi um desafio, assim, eu quero ser professora de História pra desmitificar, pra usar uma metodologia que meu aluno goste, que meu aluno não se sinta punido, que ele aprenda História por prazer [...] (informação verbal<sup>7</sup>).

O que ambas têm em comum? A escolha de um caminho do qual não optaram por regressar. Buscaram narrar suas lembranças para não serem esquecidas. Narraram suas memórias para contar-se, atribuindo significados às suas práticas e formas de agir e sentir nas vivências de suas histórias de vida.

Tornaram-se professoras porque foram desafiadas em optar pela docência, visto que essa vontade era sempre desejada. As práticas docentes exercidas por elas comprovam que, a cada dia na sala de aula, era possível se reinventar e se eternizar nas lembranças de seus alunos.

De acordo com Bastos (2003):

As vivências de um professor, ao longo de sua trajetória profissional, estão contextualizadas historicamente na perspectiva de construção de um tempo presente. O prazer em revelar as inúmeras vivências, de contextualizá-las na busca de reflexão e da crítica, de valorizá-las diante da elaboração do tempo presente, intenta construir o vivido na perspectiva de esclarecer, em parte, o enfrentamento dos desafios epistemológicos do trabalho docente, em que as motivações da vida estão intimamente ligadas. O pessoal e o profissional fazem parte de uma totalidade: o *eu* (BASTOS, 2003, p. 167. Grifo do autor).

Através dos saberes compartilhados e das histórias de vida dessas docentes, podemos compreender como a construção de si veio a ser narrada por meio dos sonhos e encantos que foram desejados em algum momento da escolha profissional.

---

<sup>7</sup> Entrevista concedida por Maria das Graças Batista de Almeida à pesquisadora em 2016.

A experiência docente foi a realização de exercer práticas de ensino profissional, com o intuito de construir uma caminhada de vivências realizadas no sentir dos saberes das marcas que ficam registradas em histórias de vida tecidas por meio de laços difíceis de romper.

Em 25 anos de profissão, existem muitas histórias para contar. O sentimento de fortes lembranças dos tempos de escola se fazem presentes nos enredos de suas vidas. Ao experimentarem a experiência docente, as práticas foram se intensificando e se fortalecendo em seus lugares de atuação. Nesse sentido, poderiam ser histórias de vidas simples, poderiam ser narrativas de mulheres simples, mas não são, porque são histórias de vida de professoras.

## **2.2 “Eu queria estar na escola, queria estar ali”: A arte de narrar vivências educativas**

O espaço escolar é por si só um lugar de ricas lembranças, pelo fato de estar diretamente atrelado à experiência do aprendizado e do conhecimento. Entretanto, para algumas pessoas, esse espaço deixa de ser um lugar convencional de experiências momentâneas e se torna um lugar de vivências e experiências profissionais, sociais e sentimentais, pois é lá que as histórias de vida docentes se fazem presentes.

As memórias de histórias de vida docente prazerosamente começam neste lugar convencional, que não muito demora para se tornar um lugar próprio, que é a escola. A escola, e precisamente a sala de aula, revelam a personalidade dessas professoras que dedicaram anos na carreira profissional. Torna-se, assim, um lugar onde os corpos falam por si, revelando uma personalidade própria: “Um lugar habitado pela mesma pessoa durante um certo tempo esboça um retrato semelhante, a partir dos objetos (presentes ou ausentes) e dos costumes que supõe” (CERTEAU, 2008, p. 204), compondo um “relato de vida”.

É neste lugar, a escola, que professores e alunos dividem o mesmo espaço da sala de aula. Alunos estão ali presentes como alunos. É na sala de aula que, sentados em suas carteiras, fazem-se atentos e pensativos, dispostos a receber alguma forma conhecimento.

As professoras se colocam como agentes responsáveis por transmitir o valioso conhecimento. Elas estão ali, geralmente de pé, observando de um lado para o outro os alunos, falando em um tom de voz moderado para que todos lhe ouçam, fazendo-se protagonistas ao atuar nos movimentos da docência, ao ganhar cotidianamente outras facetas.

Conforme o relato das professoras Maria da Guia e Graças Almeida tiveram na escola e nos espaços das salas de aula suas memórias de experiências, buscando reviver a construção do tempo passado que suas percepções eram capazes de proporcionar enquanto alunas desde os tempos de infância, seguindo pela adolescência até chegar ao olhar de docente de História. Em suas memórias iniciais sobre a escola quando criança, a Professora Maria da Guia relata:

Ah! Muito, muito linda. Primeiro, naquela época, os meus pais tinham assim uma condição financeira boa e eu sempre assim, tinha, toda vida eu gostei muito, gostava muito de estudar, era até incrível porque a maioria das crianças assim, na parte de estudar, não dava trabalho, não. Eu ia doente, às vezes eu ia doente e não dizia a minha mãe, porque eu queria estar na escola, queria estar ali, ali era um lazer. [...] Eu sempre sentava na frente, por meu pai ter uma certa influência na cidade. Aí, sempre eu era como se fosse assim, uma monitora. A professora saía e deixava Guia pequena, mesmo assim na fase de 7 anos, 6 anos, 7 anos: “fica aqui, Guia, tomando de conta dessa turmazinha que eu vou ali resolver um negócio” [...] (informação verbal<sup>8</sup>).

A Professora Maria da Guia, quando era criança, teve o prazer de vivenciar bons momentos na sala de aula e com seus professores. Através de sua fala, podemos perceber o quão pertencente ela se sentia em participar e em ir para a escola. Por outro lado, durante a sua infância na escola, a Professora Graças Almeida teve a oportunidade de vivenciar uma realidade diferente. Segundo ela aponta:

Primeiro, tinha a palmatória, né? Me lembro que muitas vezes fiquei de castigo porque eu não sei matemática até hoje, porque eu apanhei muito. Se eu não tivesse apanhado tanto a palmatória e fiquei de castigo, por eu não sei exatas, porque minha praia é humanas. As professoras do primário não entendia, aí dizia: “vira a mão”. Ah, eu já ia com as mãos assim

---

<sup>8</sup> Entrevista concedida por Maria da Guia Vieira Torquato à pesquisadora em 2016.

(em posição para apanhar). A tabuada? Vixe, que dificuldade. Então, eu aprendi a tabuada decorando. A professora de História do primário também me bateu muito (informação verbal<sup>9</sup>).

Nas lembranças da professora Graças Almeida, quando ela era criança, recorda com frequência das punições infligidas através de palmadas em suas mãos. Segundo suas narrativas, castigos físicos faziam parte da metodologia de práticas educativas exercidas por suas professoras para o aprendizado do conteúdo abordado.

Este período em que as professoras tiveram a oportunidade de estudar foi caracterizado pelo ápice da Ditadura Militar. Castigar por meio de palmadas nas mãos dos alunos era um dos métodos disciplinar, em busca de lhes corrigir o aprendizado. Errar e não memorizar era proibido. Enquanto o aluno não memorizasse de fato para responder às perguntas da professora sem errar, era punido com quantas incursões à palmatória<sup>10</sup> fossem necessárias, até “aprender”. Diferentemente da Professora Graças Almeida, a Professora Maria da Guia não narra diretamente suas experiências neste contexto. Acreditamos que ela passou a ir para a escola no final dos anos 1960, quando o método da palmatória estava sendo analisado como violência infantil e se distanciando do espaço escolar<sup>11</sup>.

A Professora Maria da Guia narra, através de suas observações quando criança, a representação da professora que foi o seu referencial para a escolha da profissão, pois foi no seu olhar infantil que seus sonhos ganharam vivências e experiências do espaço da sala de aula:

[...] O que eu via na infância da imagem de professora, era uma imagem linda porque elas me cativavam. Então, quando eu era pequenininha, que eu ia para a escola, eu achava tão bonito as professoras conversando, eu achava bonito, eu dizia assim: eu vou ser, eu vou ensinar, eu vou

---

<sup>9</sup> Entrevista concedida por Maria das Graças Batista de Almeida à pesquisadora em 2016.

<sup>10</sup> Palmatória seria uma espécie de régua de madeira, com uma das extremidades em forma circular, geralmente marcada por cinco furos em cruz, com a qual antigamente pais e professores castigavam as crianças, batendo-lhes com ela na palma da mão.

<sup>11</sup> O método disciplinar da palmatória era comum nas escolas de educação primária entre os anos 1940 e 1950. Na década de 1960, foi perdendo suas referências por causa dos altos índices de violência infantil. Entretanto, em muitas escolas, esse método sofreu resistência, ainda existindo no final dos anos 1960 em algumas poucas escolas.

passar algo que eu sei para alguém [...] (informação verbal<sup>12</sup>).

A Professora Graças Almeida, em sua memória de infância, lembra com grande carinho de sua professora Elizete:

[..] Eu só tive uma professora na minha 4ª série: Elizete. Ela abriu um concurso para a gente falar sobre Tiradentes, e eu ganhei esse prêmio. Fui para a Rádio Tabajara mostrar a vida de Tiradentes e mostrei a vida desmistificando, mostrei Tiradentes como um herói que foi esquartejado, mostrei que ele era filhinho de latifundiário, sim, eu, 4ª série. Aí, essa minha professora me deu o caminho para eu fazer a construção do meu conhecimento. Então, é a única professora do primário que eu guardo a memória, é essa professora, que ela fez assim: “está sendo aberto um concurso pela Rádio Tabajara, vai ser uma medalha”. Aí: “a medalha é de ouro, professora?”; “Não, é dourada”; “porque eu não gosto de mentira”; “é uma medalha dourada”. “Aí, a gente diz que é de ouro, honra ao mérito, se inscreva”. Então, essa professora me deu livros, [...] então, a única professora que me incentivou foi essa (informação verbal<sup>13</sup>).

Ao lembrar de suas professoras do primário, é interessante compreender como estas professoras são lembradas com grande entusiasmo ao serem as professoras que buscavam incentivar direta ou indiretamente seus alunos. Elas eram aquelas que mostravam uma outra visão de prática educativa, demonstrando o outro lado do aprender e saber fazer.

Através destas falas, os sentimentos são registrados por uma infância em que as doçuras e travessuras eram vivenciadas por meio dos espaços das salas de aula. É um tempo que, quando narrado, assemelha-se ao trabalho de um pintor, que a cada tela atribui formas, desenhos e cores, proporcionando a arte do fazer acontecer.

A escola, por si só, tem o prazer de proporcionar motivações para o alunado. Elas estão nos simples acontecimentos diários das práticas entre professores e alunos que contribuem para participar efetivamente da escola, em especial do fazer acontecer das ações que ocorrem na sala de aula. São, portanto, as imagens que fazem registrar a representatividade que o conjunto escola, sala de aula e professoras compartilha.

---

<sup>12</sup> Entrevista concedida por Maria da Guia Vieira Torquato à pesquisadora em 2016.

<sup>13</sup> Entrevista concedida por Maria das Graças Batista de Almeida à pesquisadora em 2016.

Nesses movimentos de práticas do caminhar na construção de imagens que a memória nos permite, em uma simples curva, a Professora Maria da Guia relembra suas motivações para ir à escola quando era aluna durante a adolescência:

Ah, eu acho que era a escola em si, porque isso sim cativa muito. Quando eu estudava aqui (Escola Estadual Sólon de Lucena), eu já estava na faixa de 10/11/12 anos. Então, eu gostava demais porque existia disciplina e às vezes a disciplina é dura, mas ela tem um retorno de lutar. [...] Era muito severo aqui. Quando a gente entrava, entrava de fila e todos os dias tinha que cantar o hino nacional. Por sinal, eu levei até um puxavante de cabelo da diretora porque eu estava na fila e minha amiga bateu no meu braço e eu fiz assim (olhou para trás). Então, ela puxou meu cabelo. Então, era disciplina mesmo, era organizado. O aluno que bagunçava tinha punição mesmo. Então, o objetivo era estudar (informação verbal<sup>14</sup>).

**FIGURA 01:** Foto do antigo prédio onde funcionava o Grupo Escolar Sólon de Lucena<sup>15</sup>.



**Fonte:** Blog Retalhos Históricos de Campina Grande.

Assim como a Professora Maria da Guia, a Professora Graças Almeida também estudou neste período em que a disciplina era bastante atuante na

<sup>14</sup> Entrevista concedida por Maria da Guia Vieira Torquato à pesquisadora em 2016.

<sup>15</sup> Localizado na Avenida Floriano Peixoto, no centro de Campina Grande, local onde a professora Maria da Guia estudou quando criança.

escola e principalmente na sala de aula. Quando a indagamos sobre suas lembranças enquanto aluna, nas suas memórias, a Professora Graças Almeida tem como principal eixo norteador o momento repressivo em que estudou no período de sua adolescência:

Só memórias boas. Porque eu estudei numa época que era a Ditadura Militar. Meu pai ele tinha um grande poder aquisitivo porque ele era marchante. Mas aí, todas as minhas irmãs sempre estudaram nas Lourdinhas (escola particular) e eu, sempre irreverente e rebelde, [...] eu estudei no Grupo Escolar Antônio Pessoa, um ensino de primeira qualidade, na Rua Oberruam, na capital, [...] Depois, fui para o Estadual do Roger, [...]. No Estadual do Roger, tive que fazer um mini vestibular, porque para entrar no Liceu Paraibano, assim como no Gigantão da Prata, tinha que fazer um teste, e de 1 800, eu tava no meio daqueles 1 800 e tirei 4º lugar para conseguir minha vaga. Então, eu estudei no Liceu Paraibano. Então, eu só tenho boas recordações. As ruins foram os cassetetes, muita surra mesmo de policiais, a Ditadura Militar estava no auge. Na minha sala mesmo, a gente não podia perguntar nada porque era proibido. A professora dava uma aula narrativa e, ao redor do birô da professora, da mesa, que a gente chama hoje de mesa, era birô, aí tinha uma corrente. Aluno nenhum poderia ultrapassar aquela corrente. E eu fui punida várias vezes, porque eu dizia: “pois eu vou pular”. A professora dizia: “não pula”. Aí eu disse: “pois eu pulo”. Aí foi Ditadura Militar, mas eu tenho recordação de grandes mestres. Eu escolhi estadual porque, na época, era pagou passou, e eu não queria que meu pai pagasse para eu passar. Eu isso uma desmoralização, que eu tinha um cérebro [...] (informação verbal<sup>16</sup>).

Esses momentos narrados pela Professora Graças Almeida fazem referência às suas recordações enquanto adolescente. Através de sua fala, observamos que foram momentos marcados pelo modelo disciplinar imposto pela Ditadura Militar. Por esse motivo, as salas de aula eram um dos principais espaços de controle e disciplina para a produção da ideia de conhecimento daquele período.

A temporalidade em que as professoras constroem suas lembranças registram o momento histórico que o Brasil estava vivenciando na época, a Ditadura Militar. As punições faziam parte da prática educativa, como forma de docilizar os corpos. Como afirma Foucault (2012, p. 133):

---

<sup>16</sup> Entrevista concedida por Maria das Graças Batista de Almeida à pesquisadora em 2016.

O corpo entra numa maquinaria de poder [...], ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer [...]. A disciplina fabrica, assim, corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”.

Foucault (2012) delimita como “*política das coerções*” o controle dos corpos através das disciplinas. Trata-se da política segundo a qual os corpos têm algum modelo de controle disciplinar a seguir, com base em determinados padrões de comportamento. Desse modo, durante a Ditadura Militar, era comum professores cobrarem de seus alunos uma postura disciplinar na sala de aula, que era interpretada como forma de respeito, principalmente quando se fazia referência aos hinos que eram entoados nos dias comuns ou nas festividades, como lembra a Professora Maria da Guia:

Respeitava muito os dias feriados. Aliás, era as datas comemorativas. Então, isso era muito visado, dia da pátria, do hino nacional, vamos saber o porquê daquela homenagem: era uma coisa assim muito precisa, é bem identificado a cada aluno pra que aquela data, era bem respeitado aquela data, era festivo, era de lazer (informação verbal<sup>17</sup>).

As festividades se constituíam um como dos fatores mais recorrentes naquele período e os feriados eram dias de exaltação à pátria, como também narra a professora Graças Almeida:

O astiamento da bandeira era obrigado, a gente tinha que saber o Hino da Cidade, primeiro o Hino Nacional, depois astiar a bandeira da Paraíba, toda sete da manhã, cantando” João Pessoa, João Pessoa, filho ilustre, terêê..., filho ilustre”, [...] Então tinha primeiro o Hino Nacional, depois o Hino da cidade de João Pessoa, e terceiro “Meu sublime torrão”, era obrigado “no recanto bonito do Brasil recanto bonito do brasil”, de 6 as 7 (turno da manhã) tinha que cantar esses três hinos [...] (informação verbal<sup>18</sup>).

A partir dessas narrativas, constatamos como a percepção da subjetividade é construída em relação às memórias do passado. Os fios que conduzem suas lembranças são vislumbrados de imediato pelo indivíduo em

---

<sup>17</sup> Entrevista concedida por Maria da Guia Vieira Torquato à pesquisadora em 2016.

<sup>18</sup> Entrevista concedida por Maria das Graças Batista de Almeida à pesquisadora em 2016.

comum, a professora. É interessante perceber que cada professora tem, através da identidade de si, representações particulares em práticas na sala de aula e como alunas. As professoras Maria da Guia e Graças Almeida revivem esse passado pelas astúcias da história vivida.

Mediante a pergunta relativa à experiência da docência e a representatividade desta na história de sua vida, a Professora Maria da Guia responde:

Foi uma lição de vida, uma experiência muito grande, possa ser que os colegas acha até uma hipocrisia, mas eu amo. Tenho meus alunos como filho meu. Foi uma profissão que eu sou realizada mesmo com esse salário, mas eu sou realizada pela escolha da profissão, pela disciplina também, eu sou porque, porque hoje, pela aquele esforço, mesmo pequeno ou abrangente, representou e representa para mim uma forma gratificante, porque eu vejo meus alunos hoje sendo professor na minha escola, eu vejo alunos meu médico, vejo aluno meu fisioterapeuta. Então, eu já encontrei aluno meu que me abraçou, ele é piloto, parou, ele me abraçou, ele chorou, todo bonito, piloto, chega a lágrima dele desceu, e disse: “professora, eu nunca esqueci da senhora”. Então, isso aí é gratificante de eu ver hoje aqueles alunos que dizem que estão ensinando História na escola particular, porque eu via o exemplo da senhora, e me identifiquei com História. Pra mim, isso é gratificante. Pra mim, eu tenho amor e prazer, foi uma coisa muito maravilhosa em minha vida (informação verbal<sup>19</sup>).

Através da fala da Professora Maria da Guia, percebemos o quão significativa foi a escolha da profissão em sua realização pessoal, pois, ao ver seus alunos seguindo diversas profissões, ela se vê como agente responsável pela construção do conhecimento para o qual, de modo direto ou indireto, teve a sua contribuição como docente. A representatividade da docência extrapola as proporções da sala de aula. É a sensação do prazer que não tem valor. A seguir, temos a imagem da professora Maria da Guia:

---

<sup>19</sup> Entrevista concedida por Maria da Guia Vieira Torquato à pesquisadora em 2016.

**FIGURA 02:** Professora Maria da Guia Vieira de Torquato, em sala de aula, na Escola Estadual Sólon de Lucena.



**Fonte:** Arquivo pessoal da pesquisadora.

**FIGURA 03:** Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Solon de Lucena<sup>20</sup>.

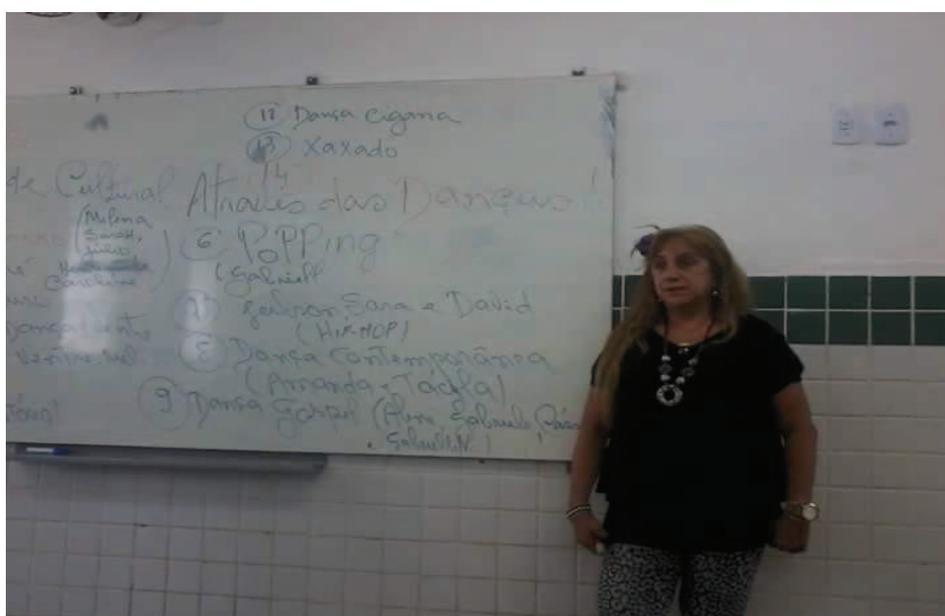


**Fonte:** Google Maps.

<sup>20</sup> Localizada na Rua Ernane Lauritzen, no Centro de Campina Grande.

A Professora Maria das Graças afirma que “ser docente é tudo. Olhe, eu amo História, eu respiro História, eu almoço História, eu janto História” (informação verbal<sup>21</sup>). Para ela, não é possível separar a vida profissional da vida pessoal, se coincidentemente o conhecimento que ela provoca em sala para seus alunos também se faz atuante nos processos históricos que presencia como professora de História. A seguir, imagem da Professora Graças Almeida em aula expositiva:

**FIGURA 04:** Professora Maria das Graças Batista de Almeida, em sala de aula, na Escola Estadual Raul Córdula.



**Fonte:** Arquivo pessoal da pesquisadora.

A representatividade da docência nestas histórias de vida marca momentos em que o conhecimento se faz entrelaçado com o sentimento. É saber que as formas de atuação em sala de aula convidam a caminhar por passos não imaginados. As imagens a seguir foram registradas em aulas de campo e, por meio delas, podemos perceber como os corpos se posicionam em momentos de satisfação e interação, representando a relação entre docente e alunos.

<sup>21</sup> Entrevista concedida por Maria das Graças Batista de Almeida à pesquisadora em 2016.

**FIGURA 05:** Professora Maria da Guia Vieira Torquato entre alunos em aula de campo.



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

**FIGURA 06:** Professora Maria das Graças Batista de Almeida entre alunos em aula de campo.



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Exercer a profissão docente é, de modo simples, assemelhar-se a uma viajante que trilha para si uma rota, mas, em cada uma de suas viagens, tem o prazer de experimentar outros caminhos com a sede de dar passos em outros horizontes, em busca de outras descobertas que enriqueceram sua viagem, que oferecem vidas ao passo que moldam os espaços vivenciados.

Ser professora está baseado em uma perspectiva que ultrapassa os limites de sua representatividade. É poder se moldar às situações do momento e vivências por meio seu conhecimento, sentimento e experiência de vida. É fazer de si, da sua autoimagem, o que um dia foi elaborado em sonhos. A intimidade desses sonhos se faz construída através de ações e práticas. É ser aquilo que não está proposto no currículo oficial. É ser o que a alma pode doar.

Ser mãe, ser psicóloga, educadora, porque você está ali pra ver o aluno. Não o que ele tem, mas o que ele é, ver como é a vida dele, o histórico dele. Eu vou além do aluno, eu vou até a família, e é tanto que eu sou o arquivo da escola. Então, toda a vida do aluno eu quero saber. Porque não são para todos, teve um período que parei uma aula e passei ser psicóloga. Eu chamava um aluno, e eles me revelavam um problema, coisas que eles jamais falaram aos pais, coisas muito íntimas. E assim, eu sempre colocava a eles, viver, confiar, uma visão de esperança e vida. Todos diziam: “Professora, a senhora é diferente”. Tem que ter muito amor. É se doar. Você tem que ter um pouquinho de amor, porque senão vai ficar doente e criar doenças graves (informação verbal<sup>22</sup>).

As lembranças são marcadas por fortes momentos em que as sensações se fazem múltiplas. São momentos que não podem ser apenas profissionais, pois o processo cognitivo-afetivo, em determinadas oportunidades, torna-se atuante no espaço da sala de aula. E é por meio disto que várias lembranças que temos são registradas em nossas mentes por revelarem muito mais que simples momentos, mas as sensações evocadas pelas suas representatividades. Ser professora é estar diante de lembranças que podem simplesmente desaparecer do gaveteiro de memórias e se reconstituírem quando despertadas. A imagem a seguir mostra a professora Maria da Guia com seus alunos, registrando um dos momentos vivenciados no passado, mas que se mantém vivo na memória presente.

---

<sup>22</sup> Entrevista concedida por Maria da Guia Vieira Torquato à pesquisadora em 2016.

**FIGURA 07:** Professora Maria da Guia Vieira de Torquato entre alunos, aula de campo.



**Fonte:** Arquivo pessoal da pesquisadora.

Ser professora é pensar conforme as palavras da professora Graças Almeida:

É tudo [...]. É amar seus alunos. Ser professora pra mim é tudo na minha vida, ser professora é tudo de bom. Se fosse para eu ser professora, eu seria professora de novo, outra vez, porque eu gosto de dar aula, eu amo meus alunos, eu gosto de uma sala de aula, gosto mesmo de dar aula. Eu faço de minha aula meu brinquedo. Ser professora é tudo de bom se você tem vocação. Se você não tem vocação, não vá para uma sala de aula judiar com os alunos, porque aluno nenhum merece, e nós trabalhamos para uma comunidade (informação verbal<sup>23</sup>).

Através dessas narrativas, compreendemos que o saber em sala de aula está abalizado pelas idas e vindas de imagens que fazem da memória de vida de cada professora a arte de pensar a construção do passado, atribuindo significado às vivências, porquanto “a elaboração de memórias de professores justifica-se pelo seu caráter simbólico imaginativo dos saberes sociais que se fazem presentes na representação da docência” (BASTOS, 2003, p. 168). A

---

<sup>23</sup> Entrevista concedida por Maria das Graças Batista de Almeida à pesquisadora em 2016.

imagem que se segue mostra a professora Graças Almeida registrando mais uma memória fotográfica entre alunos.

**FIGURA 08:** Professora Maria das Graças Batista de Almeida entre alunos.



**Fonte:** Arquivo pessoal da pesquisadora.

As memórias de professoras são arquivos de grande valor para se pensar a construção da escola em si, como também as mudanças e transformações possíveis de acontecer no aprendizado, nas relações docentes e discentes, os modos de vivenciar as festividades e práticas educativas.

E é por meio desses testemunhos de vida que se pode eternizar as memórias do cotidiano que era inventado nas salas de aula, revelando que ela pode ser observada e interpretada através de várias lentes. As memórias também são registros que nunca se desativam, mas, pelo contrário, em determinadas situações, tomam-se rememoráveis, pois “o relato não exprime uma prática. Não se contenta em dizer um movimento. Ele o faz. Pode-se compreendê-lo ao entrar na dança” (CERTEAU, 2008, p. 156).

Por meio disto, temos o tempo como aliado da memória e da história. Podemos dizer que os sonhos das professoras Maria da Guia e Graças Almeida quando meninas se tornaram desejos de mulher, quando, ao longo da infância e da adolescência, tiveram a oportunidade de vivenciar momentos como alunas. Décadas depois, optaram pela escolha de serem portadoras do conhecimento e se tornaram docentes. Na fotografia abaixo, temos a

professora Maria da Guia, décadas depois, lado a lado com uma de suas primeiras professoras na infância.

**FIGURA 09:** Professora Maria da Guia ao lado de uma de suas primeiras professoras.



**Fonte:** Arquivo pessoal da pesquisadora.

“São os homens que constroem suas visões e representação das diferentes temporalidades e acontecimentos que marcaram sua própria história”. (DELGADO, 2003, p.10). Cada narrativa se atém aos fatos que foram vividos, reafirmando na memória as experiências de cada história de vida, em que valores, culturas, estilos de vida e representações constituem a pluralidade do enredo das vivências, tornando-se a memória infinitamente rica em manifestações.

Temos a sensação de ouvir a história sendo contada em um contínuo, temos a sensação de que as discontinuidades são abolidas e recheadas com ingredientes pessoais: emoções, reações, observações, idiosincrasias, relatos pitorescos (ALBERTI, 2004, p. 14).

Portanto, é nas narrativas das experiências vividas destas docentes que o passado se faz presente, fascinando aqueles que ouvem ao reviver o filme das trajetórias de vida que não voltam mais, mas vão colorindo as lembranças do passado com um valor raro, tornando cada momento de recordação único.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao ter a oportunidade de realizar este trabalho, em que me disponho a tratar da temática que envolve a história de vida de mulheres docentes, pude perceber a emoção e as inquietações das sensações provocadas pelas professoras em suas narrativas quando se dispuseram a contar suas trajetórias de vida.

De certa forma, fui alcançada também por essas mesmas sensações, pois, ao realizar as entrevistas com estas docentes, tive a oportunidade e o prazer de reviver alguns de meus momentos enquanto criança, durante minha infância na escola. Em um universo tão distante das histórias de vida destas mulheres docentes, pude perceber como a representatividade da professora na sala de aula marca memórias de vida dos primeiros momentos de convivência na escola.

Esta pesquisa representou a possibilidade de trazer para o campo da História contribuições que ressaltam a importância de apreender as mulheres em seu espaço de atuação ao se fazerem percebidas no contexto da sala de aula, inquietando outros olhares em direção às suas memórias e representações, ao perceber que as identidades são múltiplas em suas práticas de sociabilidades e sensibilidades. Compreendo que, através das memórias, os sujeitos constroem diferentes vivências nas relações sociais, pois “tanto a História como a memória, apesar de distintas, possuem um substrato em comum: são antídotos do esquecimento” (DELGADO, 2003, p. 20).

Para o campo da História e da Educação, temos um leque de direcionamentos para estudos com as temáticas de gênero e docência. Levando em conta as relações de gênero que atravessam as representatividades da docência, propondo escrever sobre as vivências do cotidiano escolar que se faziam e se fazem registradas nas memórias, nos diários, em cadernos, nos arquivos escolares, produzindo não apenas fontes para a historiografia, mas proporcionando outras possibilidades de reflexões em seus sentidos mais diversos.

Através das suas narrativas, as docentes relatam suas revelações e ocultações, entrelaçam registros e invenções, contam história e ficção sobre suas experiências no espaço da sala de aula, para que possamos perceber

como a trajetória do feminino é caracterizada pelas práticas culturais que sempre concentram formas e modos de representatividade no cotidiano. Torna-se interessante para o ofício do historiador perceber, compreender e interpretar os sentidos que cercam as invenções culturais e sociais, em suas transformações, rupturas e continuidades no contexto histórico.

Trabalhar com a perspectiva de relatos de vida de mulheres e sua relação com a docência proporciona reflexões de estudos e análises direcionadas para diversas formas de conhecimento que possam contribuir não apenas para o campo da História, mas também para a História da Educação, para a História das Mulheres e áreas afins, pois são análises de pensamentos que contribuem para as perspectivas de construções sociais entre homens e mulheres.

É válido investigar as resistências que ambos os gêneros constituíam nas relações sociais de poder no processo histórico de nossa sociedade, nas construções de identidades, enfatizando as submissões e vigilâncias que, durante décadas, marcavam a trajetória das mulheres em seus espaços de atuação na sala de aula, na escola e na sociedade. É preciso fazê-lo mediante a percepção de como, nas relações de gênero, as subjetividades foram construídas, para que desse modo estas mulheres possam ser reinventadas em sua trajetória histórica nas futuras narrativas e discussões que se seguirão.

Destarte, reconheço que cada historiador tem um modo de olhar e de interpretar fatos e fontes a partir de seu lugar comum, ao proporcionar sentidos próprios de percepção para determinados acontecimentos e narrativas que variam entre um historiador e outro. Concordo com Certeau (2008, p. 155): “Se alguém lhe perguntasse qual era o sentido de uma sonata, Beethoven, segundo se conta, a tocava de novo” (CERTEAU, 2008, p. 155).

Cada historiador que venha a escrever sobre essa mesma temática sobre a qual me propus possibilitará a elaboração de outros efeitos de discursos e análises para as memórias e as representatividades das histórias de vida de mulheres docentes, que ainda evidenciam outros pontos a serem explorados e valorizados.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

BARROS, José D'Assunção. A História Cultural e a contribuição de Roger Chartier. **Diálogos**, Maringá, v. 9, n. 1, p. 125-141, 2005.

\_\_\_\_\_. Os campos da História: uma introdução às especialidades da História. **Revista HISTEDBR**, Campinas, n. 16, p.17-35, dez. 2004.

\_\_\_\_\_. História Cultural: um panorama teórico e historiográfico. **Textos de História**, v. 11, n. 1/2, 2003.

BASTOS, Maria Helena Camara. Memoriais de professoras: reflexões sobre uma proposta. In: MIGNOT, Ana Crystina Venâncio; CUNHA, Maria Teresa Santos (Orgs.). **Práticas de memória docente**. São Paulo: Cortez, 2003.

BORGES, Maria Eliza Linhares. **História & Fotografia**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

BRUSCHINI, Maria Cristina Aranha. Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132, set./dez. 2007.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: 1. Artes de Fazer. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

\_\_\_\_\_; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano 2: Morar, cozinhar**. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. Historial oral e narrativa: tempo, memória e identidades. **História Oral: Revista da Associação Brasileira de História Oral**, São Paulo, n. 6, p. 9- 25, jun. 2003.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. 40. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

GONÇALVES, Regina Célia. A história e o oceano da memória: algumas reflexões. **Saeculum – Revista de História**, n 4/5, jan./dez. 1998/1999.

HALL, Stuart. Quem precisa de Identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org). **Identidades e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary (Org). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010.

MATOS, Maria Izilda Santos de. Histórias das Mulheres e das relações de gênero: **Campo historiográfico, trajetórias e perspectivas**, Mandrágora, v. 19, n.19, 2013, p. 5-15.

NORA, Pierre. Entre memória e História: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, dez. 1993.

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **Revista Brasileira de História**, v. 24, n.1, 2005, p.77-98.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p 5-22, 1990.

# Apêndices

## APÊNDICE A: QUESTIONÁRIO PARA ENTREVISTA

1. Dados de identificação
  - Nome:
  - Idade:
  - Escolaridade:
  - Naturalidade:
  - Tem curso superior?
  - Onde e em qual ano foi feita a graduação?
  - Em que ano começou a ensinar?
  - Em que ano se aposentou?
  - Qual a 1° escola em que atuou?
2. Quais são suas memórias no tempo de infância na escola? Fale a respeito.
3. Como era o cotidiano na escola quando você era criança? Quais suas lembranças?
4. Como eram suas professoras na sua infância?
5. Você participava de alguma festividade? Quais e como eram?
6. O que lhe chamava a atenção e o interesse em ir para a escola? Quais suas motivações?
7. Fale de seu tempo de escola na juventude. Onde você estudou? Como era a escola neste período?
8. Como eram as festividades da escola onde você estudou no período de sua juventude?
9. Como eram suas relações com suas professoras? De qual/quais professor/ professores deste período que você se lembra? Comente.
10. O que motivou a escolha de sua profissão de professora? Teve incentivo de alguém?
11. O que a docência representa na história de sua vida?
12. Quais eventos/momentos marcaram sua trajetória no cotidiano escolar?
13. Como era a escola e como era a educação em Campina Grande quando você começou a atuar como professora?
14. Quais os desafios da docência neste período? Fale sobre as memórias desta época.

15. Fale sobre a educação em Campina Grande neste período, mediante as mudanças e transformações que você percebeu na cidade desde o período de sua atuação.
16. A partir da representação de sua história de vida, fale o que é ser professora.